

# Tel Dor, cidade portuária de múltiplas ocupações: conhecendo um pouco mais sobre o Mediterrâneo Oriental

*Tel Dor, a port city with multiple occupations: learning a little more about the Eastern Mediterranean*

**Vagner Carvalho Porto\***

**Resumo:** Tel Dor, um extenso monte na costa mediterrânea de Israel, atualmente designado como Parque Nacional, destaca-se ao longo de sua existência pela presença portuária, tornando-se uma cidade litorânea dinâmica, acolhedora e multicultural. Este artigo tem como objetivo apresentar de forma didática as continuidades e descontinuidades culturais vivenciadas por Tel Dor ao longo dos séculos, explorando suas ocupações por canaanitas, "Povos do Mar", israelitas, fenícios, assírios, persas, gregos e romanos. Buscamos também fornecer um breve histórico das escavações arqueológicas que destacaram a importância de Dor no contexto local e regional do Mediterrâneo Oriental. Para isso, consultamos documentos escritos, relatórios de escavações e escavações no próprio sítio. As descobertas arqueológicas em Tel Dor, combinadas com a diversidade de fontes, oferecem uma compreensão abrangente das influências culturais que moldaram esse local, sendo percebido como um microcosmo significativo de diversidade cultural ao longo dos séculos no Mediterrâneo Oriental. Por fim, reservamos algumas palavras ao Museu Mizgaga, parceiro do sítio arqueológico desde a década de 1980, que desempenha um papel vital na preservação e exposição do material arqueológico resultante das escavações subaquáticas e da área do Tel.

**Abstract:** Tel Dor, an extensive mound on the Mediterranean coast of Israel, currently designated as a National Park, stands out throughout its existence due to its port presence, evolving into a dynamic, welcoming, and multicultural coastal city. This article aims to present in a didactic manner the cultural continuities and discontinuities experienced by Tel Dor over the centuries, exploring its occupations by Canaanites, "Sea Peoples," Israelites, Phoenicians, Assyrians, Persians, Greeks, and Romans. We also aim to provide a brief history of archaeological excavations that underscored the significance of Dor in the local and regional context of the Eastern Mediterranean. To achieve this, we consulted written documents, excavation reports, and conducted excavations on-site. The archaeological findings at Tel Dor, coupled with the diversity of sources, offer a comprehensive understanding of the cultural influences that shaped this location, perceived as a significant microcosm of cultural diversity over the centuries in the Eastern Mediterranean. Finally, we dedicate a few words to the Mizgaga Museum, a partner of the archaeological site since the 1980s, playing a vital role in preserving and exhibiting archaeological material from underwater excavations and the Tel area.

**Palavras-chave:**

Tel Dor.  
Mediterrâneo Oriental.  
Arqueologia do Oriente Próximo. Museu Mizgaga.

**Keywords:**

Tel Dor.  
Eastern Mediterranean.  
Near Eastern  
Archeology.  
Mizgaga Museum.

---

Recebido em: 20/09/2023  
Aprovado em: 30/10/2023

---

\* Professor de Arqueologia Mediterrânea do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da USP. Coordenador do Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (Larp/MAE). Líder dos seguintes grupos de pesquisa do CNPq: *ARISE – Arqueologia Interativa e Simulações Eletrônicas e Numismática Antiga*. Desenvolve, atualmente, pesquisas no sítio arqueológico de Tel Dor, Israel (Processo Fapesp 2020/16698-0; processo CNPq 307954/2020-0). Bolsista Produtividade CNPq, nível 2.

## Introdução

**T**el Dor (Kh. el-Burj) é um grande monte localizado na costa mediterrânea de Israel. Hoje, dentro de um Parque Nacional,<sup>1</sup> encontra-se a cerca de 30 km ao sul de Haifa e a 130 km de distância ao norte de Jerusalém. É identificado como *D-jr* em fontes egípcias, *Dor* nas fontes bíblicas, e como *Dor/Dora* nas fontes gregas e romanas. A história documentada do local começa na Idade do Bronze Final (embora a própria cidade tenha sido fundada na Idade do Bronze Médio, c. 2.000 AEC) e termina no período das Cruzadas.

Dor foi sucessivamente governada por canaanitas, “Povos do Mar”, israelitas, fenícios, assírios, persas, gregos e romanos. O seu papel principal em todas estas diversas culturas era o de entreposto comercial e de porta de entrada entre o Oriente e o Ocidente. Não seria exagero afirmar que o porto dominou a sorte de Dor ao longo de seus mais de 3.000 anos de história.

Para situar Dor em seu contexto geopolítico, devemos primeiro olhar para os eventos históricos ocorridos no Levante que culminaram no seu florescimento e eventual declínio. Abaixo, podemos ver um mapa de Israel Antigo com Dor em destaque (Figura 1).

### Canaanitas (Fim da Idade do Bronze Tardio)

A transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro, nos séculos XIII e XII AEC, é anunciada por uma crise de magnitude sem precedentes, que reverberou nas antigas civilizações em todo o Mediterrâneo Oriental e, em décadas, pôs fim a uma ordem que existiu por um milênio.

A causa, ou causas, da referida catástrofe é uma das questões mais debatidas na Arqueologia do Oriente Próximo e do Mediterrâneo. Em Israel, tal crise manifesta-se pela cessação de três séculos de dominação egípcia, pela queda das cidades cananeias, pela infiltração de sociedades tribais pastoris ou agrárias (israelitas e outras) nas terras altas e pelo ataque violento, ou não, dos “Povos do Mar” nas costas.

O território cananita cobria uma extensão maior que a faixa litorânea que será conhecida como Fenícia. Interessante observar que, em textos acadianos de Nuzi (região dos rios Tigre e Eufrates), o termo “cananeus” também se conecta à cor vermelho-púrpura, da metade do segundo milênio, sob o termo *kinakhnu* (vermelho-púrpura). Essa cor, que será associada a uma importante produção têxtil até os fenícios, aparece conectada aos cananeus (MOSCATI, 1995; KORMIKIARI, 2018, p. 175).

---

<sup>1</sup> Ver o site *Tel Dor National Park*, disponível em: <<https://en.parks.org.il/reserve-park/teldor/>>.

**Figura 1** - Mapa de Israel antigo que mostra parte da Fenícia e Filístia com destaque para a cidade de Dor



Fonte: Gilboa e Sharon (2008, p. 147).

Após dois séculos de turbulência, surgem três tipos de sistemas políticos: Estados territoriais como Israel, Judá, Amom, Edom e Moabe; a pentápolis filisteia; e as cidades fenícias. As escavações em Dor podem fornecer evidências inestimáveis sobre as origens e o destino de pelo menos dois desses grupos: os fenícios e os “Povos do Mar”.

### “Povos do Mar”

“Povos do Mar” é um nome coletivo para grupos de diversas etnias e de vários movimentos que, ao longo de dois séculos, atingiram o Mediterrâneo oriental durante os anos conturbados a que nos referimos acima. A chegada em grande número de grupos estrangeiros às áreas do Oriente Próximo, incluindo o Egito, sobretudo por meio marítimo, provocou uma transformação significativa nas dinâmicas políticas de toda a região. Conforme argumenta Cristina Kormikiari (2017, p. 101), esses diversos movimentos não podem ser categoricamente caracterizados como violentos. Isso se deve ao fato de que, durante o reinado de Ramsés, há relatos que indicam a presença dos “Povos do Mar” participando nos exércitos egípcios.<sup>2</sup> Ou seja, já havia grupos que imigraram e se integraram antes de novas levadas chegarem, dessa vez, mais violentas.

No que se refere à identidade dos distintos grupos que chegaram ao Oriente, é amplamente aceito que os PLST são os filisteus bíblicos, mas quem são os outros “Povos do Mar”? Heróis aqueus à deriva para o Leste após o saque de Tróia? Refugiados micênicos em busca de uma nova pátria após a invasão dórica? Mercenários egípcios desonestos? Povos Hakka, “ciganos da China”, perdendo a vida com a pesca, o pequeno comércio e a pirataria? Os nomes SKL e SHRDN implicam que estes povos vieram da Sicília e da Sardenha? Ou talvez que eles se estabeleceram lá depois de suas andanças? Poderia o DNN ser a tribo bíblica de Dan? Ou são os *Danaoi* de Homero? Todas essas (e outras) teorias foram apresentadas, em um momento ou outro da historiografia.

Mesmo entre tantas dúvidas, há ainda uma referência histórica definitiva ao assentamento de “Povos do Mar”, além dos filisteus, ao longo do litoral levantino. A egípcia *História de Wenamon* narra que Bdr, rei dos SKL, residia em Dor, aproximadamente

---

<sup>2</sup> Relato sobre estes povos, cujos nomes são mais conhecidos a partir das inscrições hieroglíficas de Ramsés III datadas de 1177 AEC, em que este está a celebrar a vitória sobre os referidos povos. Entre eles, temos os *peleset*, identificados pelos estudiosos como os filisteus. Tem-se aqui, de fato, a chegada e a instalação de um novo povo na costa sírio-palestina. Os filisteus se fixam em uma faixa que vai de Askelon a Gaza, na Palestina. No entanto, outros nomes que aparecem nas inscrições de Ramsés III, como *shardana*, identificados sem muito embasamento factual com os sardos, são conhecidos por inscrições egípcias anteriores. Aparecem, inclusive no rol de povos servindo aos faraós. Muito provavelmente, levadas anteriores dos *shardanas* imigraram para o Egito onde conseguiram se inserir socialmente. Assim, fica a dúvida se os *shardanas* que Ramsés III enfrenta seriam novos imigrantes ou grupos dos estabelecidos que se revoltaram (BRYCE, 2009, p. 634; KORMIKIARI, 2018, p. 176).

em 1080 AEC, e comandou uma frota que percorreu o Mediterrâneo, do Egito ao norte da Síria e Chipre. Claramente, a cultura material dos estratos relevantes, tal como revelada em Dor, é a chave para a natureza dos SKL e talvez para a compreensão de todo o fenômeno dos “Povos do Mar”.

As escavações de Tel Dor até agora demonstraram que Dor desfrutou de uma civilização urbana vibrante – que incluiu a construção de fortificações maciças –, mesmo em um momento conhecido pelo declínio urbano. Foram encontrados alguns artefatos únicos que atestam “conexões com o Ocidente”, bem como uma riqueza de importações egípcias. Acrescenta-se que a maior parte das descobertas, especialmente a cerâmica, indica uma evolução gradual da cultura material local, desde os cananeus da Idade do Bronze até os fenícios da Idade do Ferro, em detrimento de um influxo repentino de novas populações.

### **Israelitas (Idade do Ferro)**

O relato bíblico da conquista de Canaã pelos israelitas conta que Dor era uma das “cinco cidades do Norte” que se juntaram a Jabim, rei de Hazor, na oposição a Josué. Na épica vitória israelita que se seguiu, o rei de Dor foi morto e o seu exército derrotado (*Josué*, 11, 1-2; 12, 23), mas a cidade não foi destruída e permaneceu um enclave cananeu durante todo o período dos juízes.

A primeira alusão a Tel Dor nas fontes escritas data do período supracitado. Trata-se do *Onomasticon de Amenope*, papiro inscrito no templo de El-Amarna durante o reinado de Ramsés II (1279-1213 AEC). O nome Dor estava juntamente a outros nomes de localidades costeiras que se estendiam por uma via que, em época romana, veio a ser chamada de *Via Maris* (STERN, 1995, p. 1).

Para além da Bíblia, existe outro documento egípcio notável que menciona Dor no início da Idade do Ferro. A mencionada *História de Wenamun*, um relato da viagem de um sacerdote egípcio a Byblos, nos dias tumultuosos que se seguiram à perda do Império Egípcio. Wenamun (ou Unamón) é assaltado no porto de Dor, que era governado, na altura, segundo esta história, por Bdr, rei dos SKL. Os mesmos SKL são mencionados como um dos enigmáticos invasores “do Norte” (os “Povos do Mar”), que atacaram o Egito no oitavo ano de Ramsés III (1174 AEC) e, mais tarde, no *Onomasticon de Amenope* egípcio, como um povo que habitava as regiões costeiras de Canaã, juntamente com os filisteus (GILBOA; SHARON, 2008, p. 159-160).

Embora não seja especificamente mencionado em qualquer fonte histórica que envolva os fenícios antes do final da Idade do Ferro, o desenvolvimento geral do repertório de cerâmica e de outras categorias de cultura material em Dor, na Idade do Ferro I,

encontra os seus paralelos mais próximos no litoral fenício. Independentemente de ter sido ou não uma cidade fenícia durante parte ou todo esse período, a sua cultura material, e talvez os seus habitantes, eram sobretudo fenícios. Cerâmica e outros achados atestam o comércio ativo que os fenícios de Dor mantinham com os seus vizinhos, especialmente com o “vizinho” imediato a Oeste: Chipre. Neste período, essa situação adquiriu grande relevância, uma vez que, na maioria das regiões do Mediterrâneo, o comércio inter-regional atingiu um patamar bastante baixo ou cessou por completo.

Segundo o livro bíblico dos *Reis*, Dor foi incorporada no reino israelita de Davi e Salomão por volta do século X AEC. Dor tornou-se a capital da província de Sharon, sob o novo esquema administrativo de Salomão, governada pelo genro do rei, Abinadab, esposo da sua filha Tafat (1 *Reis*, 4, 11). Este período da história de Dor, bem como o seguinte, em que provavelmente fazia parte do reino do norte de Israel (séculos IX-VIII AEC), manifestam-se por meio de dois estratos, notáveis sobretudo pelas respectivas fortificações. No último dos dois estratos, foi construído um enorme portão na cidade com quatro câmaras (semelhantes àquela construída durante a dinastia Omrida, em Megido) (GILBOA; SHARON, 2008). A importância de Dor como cidade deve ter sido grande, uma vez que foi nomeada o centro do quarto dos doze distritos administrativos designados pelo rei Salomão (STERN, 1995).

### **Israelitas (Idade do Ferro)**

A origem dos fenícios, ao contrário da dos “Povos do Mar”, não tem qualquer mistério. São os descendentes dos cananeus da Idade do Bronze, que, protegidos pelas montanhas do Líbano e pelo mar, não sucumbiram aos israelitas ou a outros “Povos do Mar”. Quando aparecem pela primeira vez na historiografia ocidental, entre os séculos VIII e VII AEC, os fenícios já possuíam dezenas de colônias em todo o Mediterrâneo e dispunham de extensas redes comerciais, que se estendem até a costa atlântica de África e o Mar Negro, a partir das quais desafiaram os gregos e, mais tarde, os romanos, pela supremacia dos mares. Segundo os relatos bíblicos, já numa época anterior, no século X AEC, os seus artesãos e artistas eram inigualáveis e patrocinavam, ao lado do rei Salomão, ambiciosos empreendimentos navais.

O registro arqueológico do desenvolvimento inicial do empreendimento fenício é, no entanto, escasso. Embora as investigações históricas e arqueológicas sobre os “Povos do Mar” e os fenícios em Tel Dor tenham sido financiadas por *The Israel Science Foundation*, *The Memorial Foundation for Jewish Culture* e *The Mediterranean Archaeological Trust*, o estudo do berço fenício nas cidades costeiras de Israel tem sido dificultado pela densa

carga de construção tardia (romana, bizantina, medieval e moderna) sobre os sítios antigos, bem como por dificuldades políticas recentes. Apenas a ponta sul do litoral fenício – com sítios como Achziv, 'Akko, Tel Keisan e Dor – está disponível para um melhor estudo dos estratos de ocupação fenícia.

Tel Dor, juntamente com Tel Keisan, produziu as melhores exposições estratificadas e extensas de um traçado urbano da Idade do Ferro escavado e registrado de forma competente. Os primeiros níveis de ocupação da Idade do Ferro foram destruídos numa conflagração feroz, a que se seguiu uma sucessão de quatro níveis do século XI e do início do século X. Estes níveis mostram de maneira visível a transformação da cultura cananea do final da Idade do Bronze na cultura fenícia da Idade do Ferro.

A destruição de Dor em meados da Idade do Ferro não interrompe de forma alguma a fluidez urbana. São construídos imponentes edifícios públicos e uma vasta esfera de ligações comerciais, com o Egito, Chipre e *póles* gregas já é atestada no período posterior ao Ferro I (STERN, 1995; GILBOA; SHARON, 2008).

## Assírios

O final do século VIII AEC assistiu à grande expansão dos assírios e à devastação do reino de Israel, bem como de todos os outros reinos que tentaram resistir-lhe. A Bíblia retrata estes acontecimentos como uma catástrofe total e a documentação arqueológica não nos diz o contrário.

Entre 732-720 AEC, o reino de Israel foi conquistado por Tiglath-Pileser III, pelo qual Dor (*Du'ru*) provavelmente reteve sua influência regional ao ser nomeada capital de uma província assíria que se estendia da faixa do Monte Carmelo até o Rio Yargon (STERN, 1995) – no entanto, isso é controverso (GILBOA; SHARON, 2008). De 732 a 548 AEC, todo o Israel era, naquele tempo, governado pelos assírios, seguido pelos babilônios. Por outro lado, também é verdade que os esquemas administrativos introduzidos por Tiglath-Pileser III para fundir os territórios conquistados num império perduraram durante muitos séculos.

Os conquistadores posteriores – babilônios, persas, gregos e mesmo romanos – limitaram-se a herdar e a perpetuar uma situação de continuidade. Parte da razão para a extraordinária estabilidade da estrutura imperial residia nos benefícios econômicos que ela proporcionava. Também aqui, o papel dos fenícios – e das investigações em Dor – é considerável. Dor é mencionada em vários documentos assírios, o que indica a sua importância. A cidade certamente serviu como entreposto comercial, ou *Kāru*,

em termos acádicos, e é geralmente considerada como tendo sido a capital de uma província assíria (a província de Du'ru).

Quaisquer que tenham sido os seus antecedentes, todos os estudiosos concordam que o grande *boom* de colonização fenícia no Mediterrâneo teve lugar no final do século VIII e no século VII AEC – precisamente na altura em que a Fenícia estava prestes a perder a sua independência política. Os fenícios forneciam acesso às riquezas do Ocidente para os grandes impérios afastados geograficamente do litoral: os assírios, os babilônios e os persas. Para os fenícios, o contato com os assírios abriu-lhes mercados quase ilimitados. Contrariamente ao tratamento sumário que deram a outros povos vencidos, os assírios (e depois os babilônios e os persas) tiveram o cuidado de não prejudicar a galinha dos ovos de ouro. É o início do período de “orientalização” da Grécia, sendo os “orientais” – sobretudo, embora provavelmente não apenas – os fenícios. São eles que trazem o alfabeto para os gregos e os iniciam nas artes do Egito e da Assíria. Nos séculos seguintes, os gregos construiriam a sua cultura clássica com base em muitos destes princípios.

Ao contrário da devastação que parece ser a regra na maioria dos sítios israelitas dos séculos VIII a VII AEC, as provas de uma destruição assíria em Dor são limitadas e parecem estar localizadas na zona do portão da cidade. Apesar disso, a cidade se recuperou rapidamente e suas fortificações foram renovadas, como pode ser notado pela construção de um novo portão, desta vez com atributos assírios. A cidade subsequente apresenta indícios de indústria e comércio em maior escala do que nunca. Dois tipos de achados são notoriamente abundantes: cerâmica assíria, juntamente com alguns glípticos de tipo assírio, e grandes quantidades de jarros comerciais fenícios.

## **Período persa**

No seu epitáfio, Eshmunazar, rei de Sídon, refere que o “senhor dos reis” (o imperador persa) lhe tinha dado as cidades de Dor e Jaffa “e todas as ricas terras em cereais” (ou: as “terras de Dagon”) entre elas. Isso teria sido feito para se expandir o comércio marítimo fenício no sul do Levante como um meio de competição direta com os navios gregos (NITSCHKE; MARTIN; SHALEV, 2011; STERN, 1995).

Além de perpetuar a estratégia imperial dos assírios, os persas também precisavam da navegação fenícia para lhes trazer luxos e matérias-primas de terras longínquas em tempos de paz e para transportar os seus exércitos em tempos de guerra. A competição entre os fenícios (e os seus campeões – os persas) e os gregos pela supremacia no Mediterrâneo tornou-se feroz e resultou numa série de guerras, que só terminaram quando Alexandre, o Grande, derrubou o Império Persa. No entanto, essa competição



não foi totalmente destrutiva, posto que foi neste período que o impacto da cultura helênica começa a se manifestar nas regiões costeiras do Levante meridional.

Em Dor, o período persa marca uma mudança cultural. A cidade volta a ser fenícia, como é evidente nos estilos de construção, nos achados culturais (como estatuetas) e nas inscrições. Em todas as áreas de escavação, encontram-se vestígios da cidade bem construída e movimentada, com ruas que a dividem em *insulae* ou quarteirões. Vários achados atestam a importância crescente da cultura material helênica, incluindo cerâmica importada de Atenas. Todavia, Dor experimentou um período de abandono urbano parcial ou completo, de meados do século VII AEC até cerca de 480 a 450 AEC (SAPIR-HEN *et al.*, 2014), por ocasião do período persa de ocupação.

### Período helenístico

O período helenístico da região da Palestina começa com a invasão de Alexandre, o Grande, em 330 AEC, mas a influência helênica em Dor e em outras cidades costeiras provavelmente começou muito antes devido, em especial, ao contato comercial marítimo (TCHERIKOVER, 1959; HENGEL, 1974). Esse período divide-se em quatro fases históricas: a conquista da Palestina por Alexandre, o Grande, e as suas consequências (332-296 AEC); o domínio ptolomaico (296-201 AEC); o domínio selêucida (200-104 AEC); e o domínio hasmoneu (104-64/3 AEC) (NITSCHKE; MARTIN; SHALEV, 2011). Josefo (*Antiquitates Judaicae*, XIII, 7, 20) descreve a Dor helenística como “uma fortaleza difícil de tomar”. Por duas vezes, durante esse período, a cidade foi sitiada sem sucesso, primeiro por Antíoco, o Grande, em 219 AEC (*Políbio, Historiae*, V, 66) e depois por Antíoco VII Evérgeta (Sidetes) e Simão, o Hasmoneu, em 138/7 AEC, numa tentativa de expulsar Trifão, um pretendente ao trono selêucida (1 Macabeus, 15, 10-14; 25-26; 37; Josef., *Antiq. Iud.*, XIII, 7:2; *Bellum Iudaicum*, I, 2, 2). Por meio de escavações, foram encontradas balas de funda feitas para as forças de Trifão fora da zona das portas da cidade.

O tirano Zoilos governou Dor e a sua vizinha Torre de Estratão (que receberá o nome de Cesareia Marítima no final do século II AEC). Alexandre Janeu (104-78 AEC) muito possivelmente retirou o controle dessas duas cidades de Zoilos por volta de 100 AEC. Tel Dor esteve sob o domínio dos Hasmoneus até o final do período helenístico, aproximadamente em 64/3 AEC, quando a cidade passou para o controle de Roma (Josef., *Antiq. Iud.*, XIV, 4, 4). Este evento marca o fim cronológico do período helenístico de Tel Dor e leva ao seu período final de ocupação, o período romano.

Outras fontes gregas como Apolodoro, Artemodoro de Éfeso, Alexandre de Éfeso e Estéfano de Bizâncio mencionam apenas que Dor era uma pequena cidade com

importância marítima adjacente à Torre de Estratão. As explorações arqueológicas em Tel Dor, por outro lado, revelaram extensos vestígios da cidade helenística. Na parte oriental do monte encontram-se restos da muralha da cidade bem fortificada, oficinas e casas ao longo de uma rua Norte-Sul. A rua Leste-Oeste vai desde o portão da cidade até os edifícios públicos com vista para um dos três portos naturais. A principal atividade econômica da Dor helenística centrava-se em torno destes portos: comércio, construção naval, pesca e extração de conchas *murex* para o fabrico de corante púrpura.

Outros achados revelam o carácter misto fenício-grego da cidade. O material grego e de influência grega inclui louça de mesa importada, ânforas de vinho, estatuetas, uma "herma" de mármore, um belo mosaico dionisíaco e um Acrotério (esculturas dispostas em telhados) com a forma da deusa Nike (DUARTE, 2020). A língua grega aparece em pesos de chumbo, pedras de catapulta, *ostraka* e em assinaturas em vasos de cerâmica.<sup>3</sup> A continuidade do carácter fenício da população é atestada, nomeadamente, pela persistência de antigas tradições de construções fenícias e pela evidência de indústria de tingimento de têxteis, incluindo quantidades de pesos de teares, rocas de fusos e instalações de tingimento. A bala de *Tryphon* (Figura 2) está inscrita tanto em grego como em fenício, mostrando que os comportamentos locais persistiram mesmo quando a população entrou em contato crescente com os gregos e a cultura helênica.

**Figura 2** - Bala de Tryphon com inscrição em grego e fenício



Fonte: Tel Dor Excavation Project, The Hebrew University of Jerusalem, 2003.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Óstraco ou óstrakon (em grego: ὄστρακον, *ostrakon*, plural ὄστρακα, *ostraka*) é um fragmento de cerâmica (ou pedra), normalmente quebrado de um vaso. Por serem produzidas de um material mais barato do que papiro ou couro, tais peças eram usadas para documentar procedimentos oficiais, mensagens, curtas, notas e avisos. Graças à sua durabilidade, um grande número foi preservado (HAHN, 2009).

<sup>4</sup> Disponível em: <[http://dor.huji.ac.il/periods\\_HL.html](http://dor.huji.ac.il/periods_HL.html)>. Acesso em: 01 set. 2023.

## Período romano

A história registrada de Dor sob o domínio romano começa em 63 AEC, quando é mencionada numa lista de cidades a que Pompeu Magno concedeu autonomia (Josef., *Antiq. Iud.*, XIV, 4, 4). Embora a cidade deva ter sido habitada continuamente, os tratados geográficos de meados do século I EC referem-se a ela como abandonada (Plínio, *Historia Naturalis*, V, 17) ou não a mencionam de todo. Dor é citada em um incidente de repressão religiosa da população não-judaica contra a minoria judaica local, em 41 EC (Josef., *Antiq. Iud.*, XIX, 6, 3). A partir das declarações de Josefo, pode deduzir-se que Dor fazia parte da província da Síria e não da Judeia. Durante a grande revolta judaica de 66-70 EC,<sup>5</sup> os romanos mantiveram reféns judeus em Dor, que devem ter considerado um refúgio seguro para os rebeldes (Josef., *Vita*, VIII). Tanto Pausânias como Cláudio Ptolemeios, no século II EC, referem-na como um dos portos da Fenícia. Uma inscrição dedicatória a um governador romano da Síria, datada de 119-132 EC, corrobora o fato de a cidade fazer parte dessa província. Tel Dor não foi mais mencionada em nenhum documento histórico como cidade e tanto Eusébio (273-340 EC) quanto Jerônimo (390 EC) referem-se a ela como arruinada.

A era romana da Palestina é retrospectivamente dividida em três períodos. O primeiro período começa com a conquista de Pompeu Magno, em 63 AEC, e termina com a Revolta de Bar Kokbha, em 135 EC; já o período médio é marcado de 135 a 250 EC; e, por último, o período romano tardio vai de 250 EC a 324 EC, ano em que Constantino assume o manto imperial (CHANCEY; PORTER, 2001). Durante esses períodos, ocorreram muitos eventos que impactaram o cenário político de Dor. Por exemplo, após o retorno de Herodes à Judeia como rei cliente romano, em 37 AEC, ele embarcou em um ambicioso e amplo projeto de construção que mudou muito a paisagem de Jerusalém, Judeia e Samaria. Uma grande construção que afetou intimamente Dor foi a fundação do principal porto comercial de Cesareia Marítima, a apenas 8 km ao sul de Dor. A partir daí Cesareia Marítima alcançará a supremacia marítima no comércio regional (RAVEH; KINGSLEY, 1996) e este é, possivelmente, um importante fator no declínio de Dor e seu eventual abandono (BALY, 1974, p. 127; MESHORER, 1986-87, p. 60; RAVEH; KINGSLEY, 1996). Com a morte de Herodes, em 4 AEC, o reino da Judeia é dividido entre seus três filhos e depois gradualmente absorvido pelo controle romano direto nos anos 90 EC.

Outro evento marcante ocorreu em 42 EC. Durante o reinado de Herodes Agripa I da Judeia, as tensões religiosas envolveram os não-judeus de Dor, quando estes

---

<sup>5</sup> A chamada "Grande Revolta Judaica" iniciou-se em 66 EC, na província romana da Judeia, e foi oficialmente encerrada em 70 EC, embora a luta tenha se prolongado até 73 EC, com a tomada da fortaleza de Massada. Foi sufocada pelas tropas do comandante romano (e futuro imperador), Vespasiano, secundado por seu filho, Tito.

decidiram erigir uma estátua do imperador na sinagoga judaica (Josef., *Antiq. Iud.*, 19, 6, 3). Públio Petrônio, então governador da Síria, escreveu aos cidadãos de Dor uma carta contundente sobre a violação destes últimos da política romana de liberdade religiosa (Josef., *Antiquitates Iudaicae*, 14).<sup>6</sup> De 66 a 73 EC, a Primeira Revolta Judaica ocorreu e foi esmagada de maneira devastadora pelos romanos. Como consequência, Dor foi mencionada como um local onde prisioneiros judeus da Galileia foram mantidos pelo exército romano durante esse período de contendas (Josefo, *Vita*, 8). Entre 132 e 135 EC, a Segunda Revolta Judaica (Revolta Bar Kokbha) levou o imperador Adriano a dissolver a província da Judeia e fundi-la com a Síria como uma província chamada Síria-Palestina (*Syria Palaestina*). Esse não foi um caso isolado, pois o período romano médio passou por uma série de crises econômicas e sociais devido à tributação excessiva, inflação desenfreada e tensões entre as cidades (LEWIN, 2005, p. 33; ANDERSON, 1995).

As moedas fornecem uma fonte importante para se verificar a opulência econômica vivida por Dor em época romana – as quase mil e trezentas moedas encontradas nas escavações do sítio e aquelas encontradas em outras cidades da região confirmam isso. As últimas moedas conhecidas a serem cunhadas em Dor datam de 211/212 EC. Quanto àquelas encontradas em Dor, embora abranjam todo o período romano, são especialmente numerosas no recorte que compreende por volta de 60 EC a 235 EC. Por outro lado, moedas datadas da segunda metade do século III EC em diante são raras. Considerando todas essas informações, pode-se inferir que o declínio da ocupação urbana de Tel Dor do período romano ocorreu por volta de 230 EC (GILBOA; SHARON, 2008).

Em comparação com outras cidades do Levante deste período, Dor era uma pequena cidade de província. Em particular, era ofuscada pela sua vizinha mais próxima, Cesareia Marítima, pelos motivos que mencionamos linhas acima. Na verdade, a construção de um porto artificial de águas profundas por Herodes, o Grande, a partir de 37 AEC, pode ter desempenhado um papel no tamanho modesto e no eventual declínio de Dor. Embora Cesareia Marítima estivesse em outra província (Judeia, mais tarde renomeada *Provincia Palaestina*), havia pouca justificativa econômica para dois grandes portos a apenas 15 km de distância. A superioridade das instalações portuárias de Cesareia Marítima levou a melhor (GILBOA; SHARON, 2008).

Mesmo sendo eclipsada por sua vizinha mais importante, Dor prosperou durante grande parte do período romano. É sob o domínio imperial romano que a cidade alcançou sua maior extensão. As muralhas helenísticas foram destruídas no início do

---

<sup>6</sup> A mais famosa tentativa de se erigir uma estátua do imperador romano no interior de um templo judaico é a de Calígula, em Jerusalém. Também se tem conhecimento sobre estátuas imperiais erigidas em Alexandria (PORTO, 2023, p. 235-237).

período e a cidade pôde se estender para a planície abaixo, atingindo um tamanho de cerca de 15 hectares (contra quase 100 hectares de Cesareia em sua extensão mais ampla). Apresentava todas as comodidades que os cidadãos romanos estavam acostumados, incluindo ruas pavimentadas; praças públicas; mosaicos e afrescos em algumas de suas ricas casas; um sistema de esgoto central; água corrente trazida pelo aqueduto de Bir Tata nas colinas do Monte Carmelo; um teatro; e majestosos templos dedicados aos deuses da cidade (GILBOA; SHARON, 2008).

### **As escavações nas áreas com ocupação romana em Tel Dor**

Há pouco mais de um século, George Dahl (1915) escreveu uma história de Dor questionando sobre até que ponto o sítio forneceria evidências para se compreender melhor o reino emergente de Davi, ou, como capital provincial da Assíria, poderia fornecer informações sobre a administração imperial. O estudioso também questionou sobre em que medida as escavações em Dor poderiam lançar luz sobre o surgimento da cultura fenícia no Levante do Sul (DAHL, 1915). De fato, anos de escavações desenterraram dados consideráveis sobre estas questões, embora, ainda hoje, muitas destas questões permaneçam abertas a várias interpretações. Além disso, conforme as escavações progrediram, ficou claro que Dor detém chaves para perguntas que nunca haviam sido formuladas anteriormente (GILBOA; SHARON, 2008, p. 146).

O sítio não tinha sido explorado até 1924, quando os primeiros empreendimentos foram realizados por John Garstang, que escavou dois grandes templos (que ele pensava serem helenísticos) no lado oeste do Tel,<sup>7</sup> além de duas trincheiras até a rocha nos lados norte e sul do monte. Infelizmente, as únicas publicações resultantes dessa operação massiva foram dois artigos muito curtos. No intervalo de tempo entre 1925 e 1980, Já'acov Leibowitz e Claudine Dauphin realizaram trabalhos arqueológicos em Dor, principalmente em um teatro romano a Norte e em uma igreja bizantina a Leste; Avner Raban escavou o porto e outras instalações no perímetro do Tel. De acordo com a tradição oral da região, o monte ficou intocado durante os primeiros anos do Estado de Israel, pois, segundo consta, Yigael Yadin sempre sonhou em escavar Dor,<sup>8</sup> e ninguém mais ousou contestar

---

<sup>7</sup> Parte elevada de Dor, daí a denominação Tel Dor. Tel, que significa "colina", "morro" ou "monte", é um tipo de sítio arqueológico na forma de um montículo de terra que resulta da acumulação provinda da erosão dos materiais depositados pela ocupação humana durante muito tempo. É comumente usado como um termo geral para a Arqueologia, particularmente no Oriente Médio. Um tel é praticamente constituído de materiais de construção arquitetônicos contendo uma alta proporção de pedra, tijolos de barro, ou barro mesmo, bem como (em menor escala) os resíduos domésticos (TDK Online Dictionary. *Dictionary*. Höyük).

<sup>8</sup> Yigael Yadin (20 de março de 1917 - 28 de junho de 1984) foi um arqueólogo, soldado e político israelense. Ele foi o segundo chefe do Estado-Maior das Forças de Defesa de Israel e vice primeiro-ministro de 1977 a 1981.

essa vontade (GILBOA; SHARON, 2008, p. 146). Seja como for, foi apenas em 1980 que Ephraim Stern iniciou uma grande escavação em nome da Universidade Hebraica.<sup>9</sup> Quando este projeto terminou, em 2000, vários de seus veteranos formaram um consórcio que deu início à próxima campanha, em 2003. O ano de 2007 marcou a vigésima quinta temporada de escavação quase contínua em Tel Dor e, a propósito deste aniversário, os professores Ayelet Gilboa e Ilan Sharon publicaram o artigo "Between the Carmel and the Sea - Tel Dor's Iron Age reconsidered" na *Near Eastern Archaeology*.

As áreas costeiras de Tel Dor também foram alvo de escavações, tendo Avner Raban, professor da Universidade de Haifa, como uma referência importante nos estudos sobre os portos do Mediterrâneo Oriental. Raban e outros pesquisadores reconhecem três fases no desenvolvimento dos portos: protoportos da Idade do Bronze, baseados em formações naturais com mínima intervenção humana; portos da Idade do Ferro, semiartificiais; e portos artificiais do período clássico ao bizantino. Os vestígios costeiros construídos com blocos de silhar encontrados em Dor foram associados às edificações da Idade do Ferro (BLACKMAN; BAIKA, 2017, p. 44-45; OLIVEIRA, 2022, p. 59).

Durante as escavações de 2016, houve um melhor entendimento acerca da faixa litorânea, das estruturas submersas de Dor e da sua relação com a atividade marítima na baía, devido à descoberta de novas estruturas que ficaram submersas. Foram encontradas enormes estruturas costeiras da Idade do Ferro; estruturas em cantaria da Idade do Ferro ou do Bronze; um possível dique; e depósitos submersos de cerâmica da Idade do Bronze e do Neolítico Superior (BLACKMAN; BAIKA, 2017, p. 44-45; OLIVEIRA, 2022, p. 59).

Também muito relevante são os estudos aprofundados dos portos de Dor realizados pelo *Dor Maritime Archaeology Project*. Os estudos provenientes de tal projeto coletaram diversas evidências, principalmente do período bizantino, que sugerem um reestudo da ideia que Dor entrou em colapso conseguinte ao crescimento de Cesareia Marítima. Os pesquisadores sugerem que Dor teria continuado com seu porto em funcionamento devido à sua vantagem geográfica e porque cada porto tinha uma "clientela" específica, de modo que não eram simplesmente duas forças competindo pela mesma região comercial (RAVEH; KINGSLEY, 1996, p. 199-200; 205-206; OLIVEIRA, 2022, p. 59).

Há também as escavações realizadas pelo *Center for Nautical and Regional Archaeology, Dora do Israel Department of Antiquities and Museums*, que ocorrem desde 1976. Por essas pesquisas, observou-se que Dor provavelmente tinha um porto duplo, ou dois portos, pois utilizava como ancoradouro tanto a lagoa ao Sul quanto a baía ao

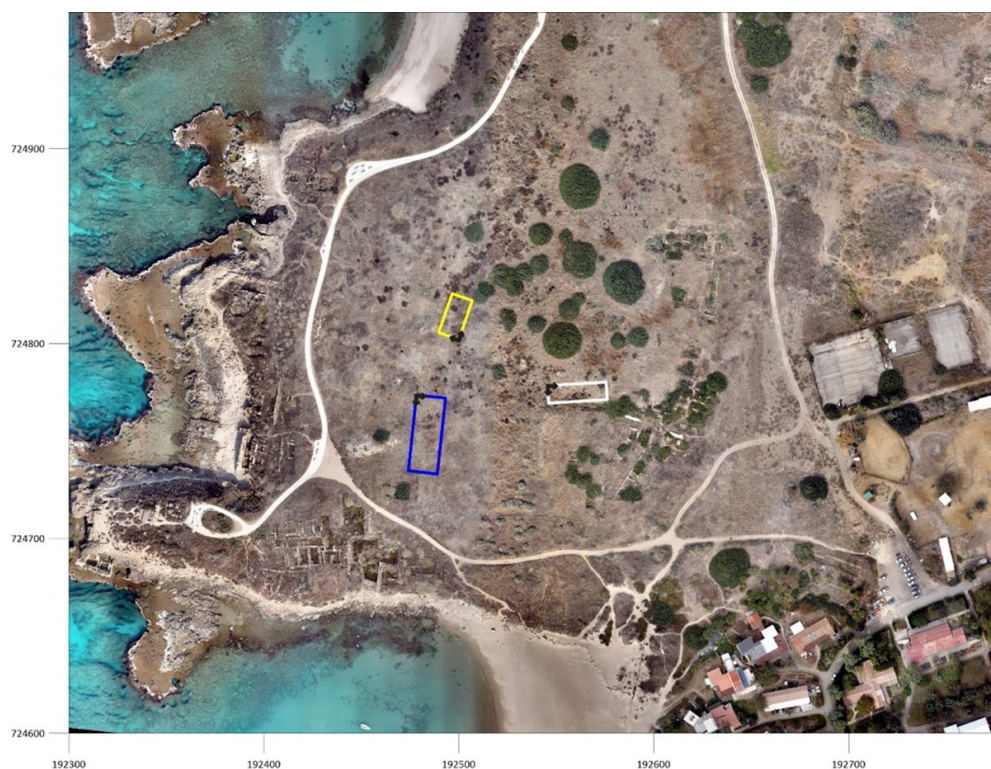
---

<sup>9</sup> Principalmente com a participação de grupos da Universidade de Boston (1980-1981) e Universidade do Estado da Califórnia (1980-1995).

Norte (WACHSMANN; RAVEH, 1984, p. 224; OLIVEIRA, 2022, p. 59). Ephraim Stern, por sua vez, nos expõe que Dor, na verdade, teve três portos, ou ancoradouros. Segundo o autor: “Um ao Sul, que ficava onde hoje é a Lagoa Tantura e o Ancoradouro Sul; um ao Norte, cuja existência foi confirmada por recentes estudos subaquáticos; e um porto central, menor e arredondado” (STERN, 1995, p. 7; 10-11).

Mais recentemente, a partir de 2020, um consórcio internacional foi estabelecido entre professores de diversas universidades. Trata-se de um programa interinstitucional amplo, composto pela Universidade de São Paulo, Universidade Santo Amaro, Universidade de Jerusalém, Universidade de Haifa, Universidade de Boston, Universidade de Flinders e Universidade de Bristol. Esse projeto visa a aprofundar o conhecimento a respeito dos mecanismos de contato cultural e dos processos de transformação urbana no norte de Israel de período romano. Com os apoios nacionais da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e da British Academy/Leverhulme Small Research Grants, da Grã-Bretanha, esta fase da pesquisa contou, dentre outros eventos, com atividades não interventivas de campo, como a aplicação da técnica de *Ground Penetrating Radar* (GPR) por duas ocasiões, em março de 2022 e em julho de 2023 (Figura 3).

**Figura 3** - Áreas escolhidas para aplicação de GPR na temporada de 2022

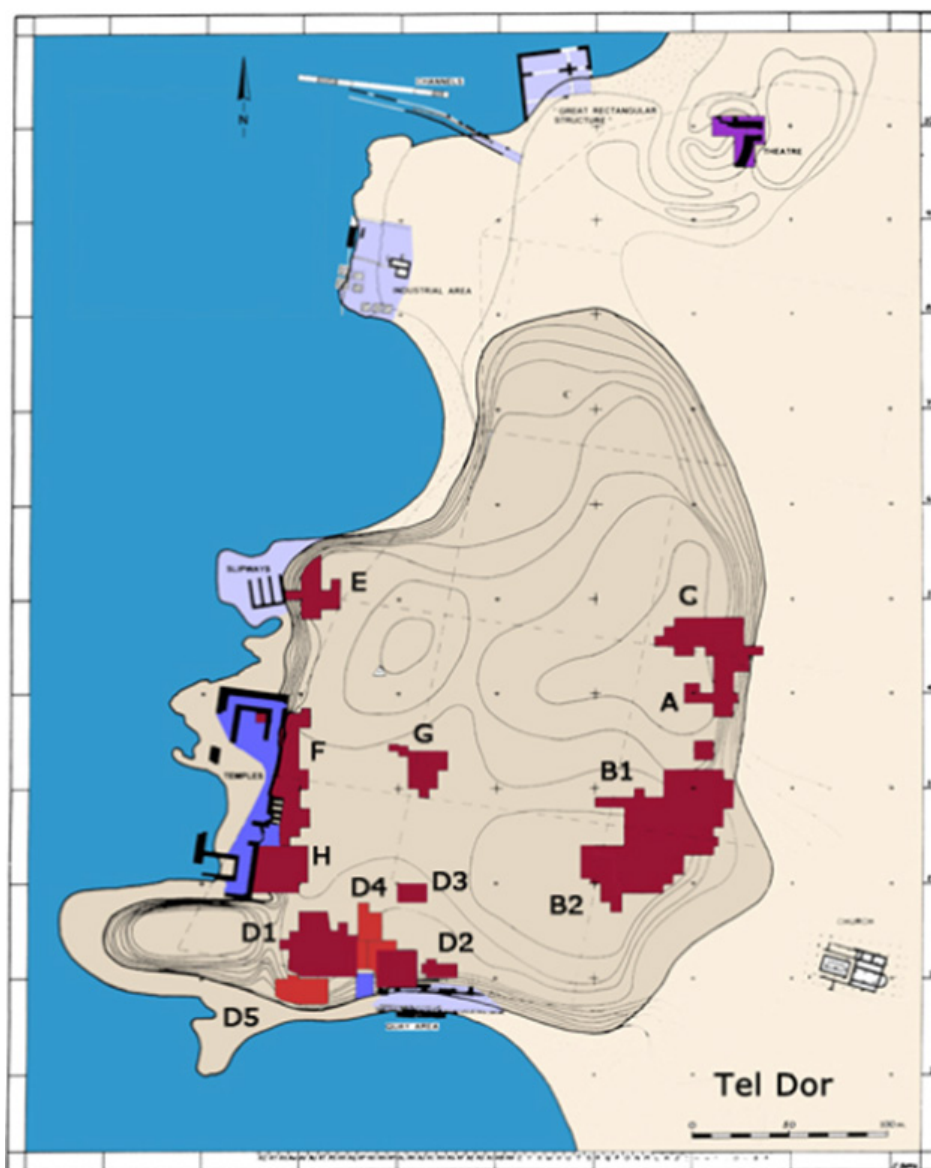


Grids do GPR sobre ortofoto com o canto inicial anotado (azul = Sul, amarelo = Norte, branco = Leste).  
Fonte: Autoria própria.

A principal meta desta atividade foi revelar as duas principais artérias da cidade: a rua que atravessa a cidade de Norte a Sul, conhecida como *cardo maximus*, e a rua que a atravessa de Leste a Oeste, chamada de *decumanus*. Ao determinar os limites dessas duas ruas, é possível definir a localização dos portões da cidade. Uma outra possibilidade investigada é que o fórum romano poderia estar situado na área de interseção entre essas duas vias principais (PORTO, 2020).

Importa mencionar que, ao longo dos anos, as escavações em Tel Dor foram subdivididas em áreas: A, B, C, D, E, F, G e H, como podemos ver no mapa a seguir (Figura 4):

**Figura 4** - Mapa das escavações de Tel Dor com as áreas de escavação discriminadas



Fonte: Tel Dor Excavation Project, The Hebrew University of Jerusalem, 2003.<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://dor.huji.ac.il/areas.html>>. Acesso em: 01 set. 2023.



Podemos dizer que todas essas áreas apresentam vestígios de ocupação romana. Em suma, na área B, foram escavadas as construções públicas de época romana; na área F, foram desvelados, no centro da encosta oeste, significativos remanescentes romanos. As escavações na área B foram estendidas na direção Norte e Leste nas encostas mais baixas do Tel, onde foram observados resquícios de uma estrada romana. Além disso, foram encontrados vestígios da cidade baixa que cercava o monte pelo menos desde o período romano. Tais vestígios tratam-se sobretudo das fundações erodidas de um grande edifício romano, que veio sendo desvelado desde 1988 (GILBOA; SHARON, 2008, p. 147).

Os objetos mais comuns encontrados em Dor são fragmentos de cerâmica. Mesmo a maioria dos vasos cerâmicos completos encontrados estava quebrada e muitos desses vasos foram enviados para restauro. Outros itens de cerâmica incluem tigelas e potes intactos, lamparinas e estatuetas.

Elementos arquitetônicos em gesso (molduras e fragmentos de afrescos), cerâmicos (telhas romanas) e pedra (mosaicos de tésseira, entablaturas, molduras, escultura, fragmentos de capitel e partes de colunas) também foram encontrados *in situ*, descartados e em reutilização. Outros itens pequenos de metal (moedas, joias, pesos de pesca, pregos, ferramentas e armas), vidro (vasos de vidro romanos), faiança (escaravelhos e amuletos), osso (pequenos utensílios e peças de jogos), pedra (pequenos animais, escaravelhos e partes de ferramentas) também foram encontrados.

Ainda na área B, as escavações de 1981 trouxeram à tona a estrada principal que levava à cidade romana a partir do portão oriental, além de uma calçada monumental pavimentada em pedra (STERN, 1982, p. 114). Também foi descoberto um sistema de pequenos canais de drenagem que desviavam recursos hídricos da parte baixa do Tel para a direção Sul. Sabe-se ainda que o canal de drenagem principal foi construído com pedras de silhar, e seguia a direção Leste-Oeste para fora do portão da cidade (STERN, 1982, p. 114).

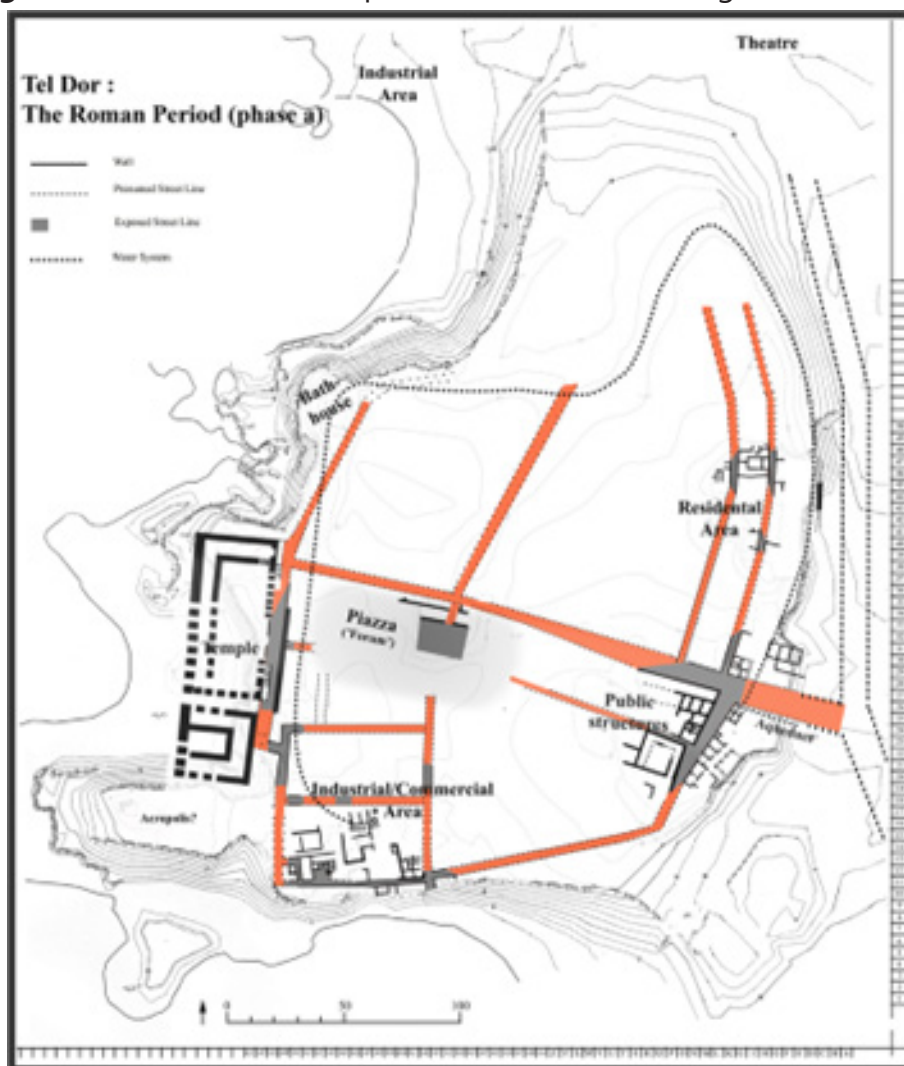
A área C apresentou apenas poucas estruturas erodidas de período romano. No que se refere às estruturas defensivas dos períodos romano e bizantino, estas já são bem mais perceptíveis nas áreas A e C, embora bastante danificadas (STERN, 1982, p. 116). Nas escavações de 1988 e 1989, a área B2 foi expandida para expor mais estruturas romanas descobertas nas temporadas anteriores. Nessa temporada, a área G foi expandida para o Leste e Oeste, desvelando mais fundações romanas paralelas umas às outras e, assim, determinando os limites do fórum, no centro da cidade romana (STERN; BERG; SHARON, 1991, p. 47).

A expansão da área B2 também permitiu maior exposição dos três complexos arquitetônicos associados à praça na entrada da cidade: 1) o aqueduto; 2) o edifício do pátio a leste deles na rua Norte-Sul; e, 3) a grande construção em colunata para o oeste

desta rua (STERN; BERG; SHARON, 1991, p. 49). Infere-se, portanto, que a cidade romana se expandiu para Leste. A extensão leste da área revelou mais paredes de estruturas pertencentes à cidade baixa. Stern e sua equipe escavaram o curso do esgoto romano que atravessava o portão e se dirigia até a cidade baixa. Um anel de ouro, com uma gema mostrando o deus Eros perseguindo um pássaro foi encontrado no local (STERN; BERG; SHARON, 1991, p. 49).

A área F desvelou a estrutura de dois templos (Figura 5). Estes dois templos, no lado marítimo do sítio, foram escavados pela primeira vez em 1923-1924 por Garstang, que os datou do início do período helenístico. Uma reavaliação de seus dados, bem como um levantamento preliminar dos restos arquitetônicos visíveis, indicou que a estrutura poderia ser consideravelmente mais tardia, impressão reforçada por várias temporadas de escavação na área F, na borda sudeste do templo maior (STERN; SHARON, 1993, p. 131).

**Figura 5** - Plano de Dor no período romano, c. do segundo século EC



Fonte: Nitschke, Martin e Shalev (2011, p. 145).

As escavações na área G revelaram um pátio, várias salas e uma cisterna. Muitos fragmentos de estuque e afrescos foram descobertos no chão de algumas casas e na cisterna. Outras descobertas significativas relacionadas a essas habitações da cidade romana são várias lamparinas relacionadas à Revolta de Bar Kokhba, ocorrida na primeira metade do século II EC. Além da própria descoberta em si, a datação dessas lamparinas auxilia na definição da cronologia dos dois templos inicialmente escavados na década de 1920 por Garstang.

### **Para concluir: o Museu Mizgaga**

Gostaria de finalizar este artigo falando um pouco do Museu Mizgaga, pois, desde a década de 1980, os artefatos encontrados nas escavações de Tel Dor, em sua grande maioria, são encaminhados para a curadoria e exposição em tal espaço. Instalado em uma estrutura de pedra de dois andares no coração do Kibutz Nahsholim, o Mizgaga ou HaMizgaga é um museu de Arqueologia regional, próximo ao sítio de Dor. Em verdade, pode-se facilmente chegar a pé ao sítio partindo do museu (ou vice-versa), posto que a distância entre ambos é bem pequena (800 metros).

Logo na entrada, pode-se ver diversos itens arqueológicos, como grandes âncoras de pedra, capitéis de coluna, prensas de azeite, pedestal de estátua, e até uma réplica de um navio de 2.400 anos atrás (Figura 6).

O edifício foi construído, em 1891, por iniciativa do Barão Rothschild, para ser uma fábrica de produção de garrafas de vidro para vinho. Meir Dizengoff, que mais tarde se tornaria prefeito de Tel Aviv, foi nomeado gerente da fábrica. Devido às inúmeras dificuldades – malária, inadequação da areia local e falta de rentabilidade –, a fábrica foi encerrada e abandonada poucos anos após a sua abertura.

Em 1980, os membros do Kibutz Nahsholim começaram a restaurar a estrutura do edifício. Ao mesmo tempo, as escavações arqueológicas começaram em Tel Dor e nas baías próximas. Com isso, a fábrica foi convertida em um museu encantador e incomum, exibindo arte contemporânea em vidro e cerâmica, juntamente com diversos artefatos arqueológicos náuticos e locais (alguns que remontam aos tempos bíblicos). As descobertas contam a história da antiga cidade portuária, Tel Dor, outrora vibrante e próspera. Um dos muitos tesouros do museu são os canhões e outros itens da campanha de Napoleão Bonaparte na Palestina, quando jogou ao mar seus artefatos, na costa de Dor, após a derrota em Akko.

Além de uma das mais fascinantes exposições de Arqueologia provenientes do sítio arqueológico de Tel Dor, incluindo uma seção especial sobre a história da

**Figura 6** - Museu Mizgaga, Kibutz Nahsholim



Acima, à esq., entrada do Museu Mizgaga; acima, à dir., réplica de navio antigo. Abaixo, à esq. Cenário de uma casa romana, com figuras e objetos escavados em Dor; abaixo, à dir., diversos vasos de armazenamento escavados em Dor, no centro da sala. Fonte: Acervo do autor (2023).

fabricação do vidro, o museu também conta a história da produção de corante azul-púrpura a partir de caracóis marinhos *Hexaplex trunculus* ou *murex trunculus*, que a Bíblia hebraica chama de *Tekhelet* (תלכת). Este corante azul-púrpura era usado nas vestimentas sacerdotais, bem como no *tzitzit* ou borla que são presos aos quatro cantos do *talit* (xale de oração). Outro corante feito de caracóis da família *murex* é a púrpura de Tiro ou púrpura real, produzida pelos fenícios já no século XVI AEC. A fabricação do corante – tanto *tekhelet* quanto roxo real – era um processo elaborado que exigia milhares de caracóis para produzir um único grama de cor.

Atualmente, sob a curadoria da pesquisadora Bracha Zilberstein, o Museu Mizgaga abriga os mais diversificados itens provindos do sítio arqueológico de Tel Dor. Multiplicam-se as contas de pedra, ossos, conchas, cascas de ovos, armas, peças de jogos infantis, lamparinas eróticas, amuletos egípcios, estatuetas, vasos dos mais variados tipos, pesos de teares, e tantos outros itens que poderíamos ficar a enumerá-los por páginas (BASAT, 2011, p. 37).

Se, por um lado, as escavações arqueológicas e os pesquisadores colaboram para o entendimento da história de Dor, do papel da cidade como entreposto comercial e portuário, e da ocupação do sítio por canaanitas, "Povos do Mar", israelitas, fenícios, assírios, persas, gregos e romanos, por outro lado, o Museu Mizgaga expõe diversos itens arqueológicos que as escavações arqueológicas proporcionam, além de um importante trabalho social sobre Tel Dor com as escolas e comunidades do entorno.

## Agradecimentos

Agradeço ao professor Ilan Sharon (*in memoriam*) que acolheu com amizade e entusiasmo a equipe de pesquisadores brasileiros nos projetos de pesquisa no sítio arqueológico de Tel Dor. Aos professores Ayelet Gilboa, da Universidade de Haifa, Sveta Matskevitch, da Universidade Hebraica de Jerusalém, Becky Martin, da Universidade de Boston, Tamar Hodos, da Universidade de Bristol, Juliana Hora, Universidade Santo Amaro, Tiago Attorre, Universidade de Flinders, Maria Cristina Kormikiari, Universidade de São Paulo, e Claudio Walter Gomes Duarte, Universidade Metropolitana de Santos, parcerias sem as quais nossas pesquisas e este texto não poderiam ter acontecido. Agradeço também à professora Mabel e todas/os/es colegas do Laboratório de Arqueologia Romana Provincial, pelas sempre profícuas trocas de ideias. Aproveito para mencionar também o apoio institucional do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e da Universidade de São Paulo (USP). Para todos os fins, a responsabilidade pelas ideias restringe-se ao autor.

## Referências

### Documentação textual

- BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Tradução de Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 1995.
- FLAVIO JOSEFO. *Bellum Iudaicum*. Translated by H. St. Thackeray. London: Harvard University Press, 1997.
- FLAVIO JOSEFO. *Antiquitates Iudaicae*. Translated by R. Marcus. London: Harvard University Press, 1998.
- FLAVIO JOSEFO. *Vita*. Translated by S. Mason. Leiden: Brill, 2001.

- PLINY THE ELDER. *Natural History*: Books 3-7. Translated by H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press, 1942. v. 2.
- POLYBIUS. *The Histories of Polybius*. Translated by F. Hultsch. Bloomington: Indiana University Press, 1962.

### Obras arqueológicas e históricas

- ANDERSON, J. D. The impact of Rome on the periphery: the case of Palestina – Roman period (63 BCE-324 CE). In: LEVY, T. E (ed.). *The archaeology of society in the Holy Land*. New York: Facts on File, 1995, p. 446-469.
- BALY, D. *Geography of the Bible*. London: Lutterworth Press, 1974.
- BASAT, H. B. *Early Iron Age beads at Tel Dor: a comparative study*. Thesis (Master's degree in Archaeology) – University of Haifa, Faculty of Humanities, Department of Archaeology, Haifa, 2011.
- BLACKMAN, D.; BAIKA, K. Ports, Harbours and anchorages in the Ancient Mediterranean: New Discoveries and New Approaches, 2016. In: Under the Mediterranean. October 20-23, 2017, Nicosia. *Proceedings...* Nicosia: Honor Frost Foundation, 2017, p. 44-45.
- BRYCE, T. (ed.) *The Routledge Handbook of the peoples and places of Ancient Western Asia: from the Early Bronze Age to the fall of the Persian Empire*. New York: Routledge, 2009.
- CHANCEY, M. A.; PORTER, A. The Archaeology of Roman Palestine. *Near Eastern Archaeology*, v. 64, p. 164-203, 2001.
- DAHL, G. *The materials for the History of Dor*. New Haven: Connecticut Academy of Arts and Sciences, 1915.
- DUARTE, C. W. G. A anatomia do templo dórico grego: origem e desenvolvimento. *Romanitas*, n. 15, p. 138-156, 2020.
- GILBOA, A.; SHARON, I. Between the Carmel and the sea Tel Dor's Iron Age reconsidered. *Near Eastern Archaeology*, v. 71, p. 146-170, 2008.
- GILBOA, A; SHARON, I.; ZORN, J. R.; MATSKEVICH, S. *Excavations at Dor, final report*. Area G, The Late Roman and Iron Ages: pottery, artifacts, ecofacts and other studies. Jerusalem: Israel Exploration Society, 2018. v. 2c.
- HAHN, S. *Catholic Bible dictionary*. Doubleday Religious Publishing Group, 2009.
- HAMIZGAGA MUSEUM OF ARCHAEOLOGY AND GLASS. Disponível em: <<https://www.mizgaga.com/hamizgaga>>. Acesso em: 20 ago. a 01 set. 2023.
- HENGEL, M. *Judaism and Hellenism: studies in their encounter in Palestine during the Early Hellenistic Period*. Philadelphia: Fortress, 1974. 2 v.

- KORMIKIARI, M. C. N. O papel de Cartago no debate acerca do sacrifício humano fenício-púnico. *Romanitas*, n. 10, p. 100-122, 2017.
- KORMIKIARI, M. C. N. Fenícios pelo Mediterrâneo: formas de contato diversificadas. *Cadernos do LEPAARQ*, v. 15, n. 29, p. 174-185, 2018.
- LEWIN, A. *The archaeology of Ancient Judea and Palestine*. Los Angeles: Getty Publications, 2005.
- MESHORER, Y. The coins of Dora. *Israel Numismatic Journal*, v. 9, p. 59-7, 1986-1987.
- MOSCATI, S. Introduction. In: V. KRINGS (ed.). *La civilisation phénicienne et punique: manuel de recherche*. Leiden: Brill, 1995, p. 1-15.
- NITSCHKE, J. L.; MARTIN, R. S.; SHALEV, Y. Between Carmel and the sea – Tel Dor: the late periods. *Near Eastern Archaeology*, v. 74, n. 3, p. 132-154, 2011.
- OLIVEIRA, G. R. M. de. *O porto romano e a paisagem social: organização urbana e contato cultural no litoral da Judeia-Palestina entre I AEC e II EC*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.
- PORTO, V. C. *Contatos culturais na 'Judaea-Palaestina' de Época Romana: estudos da malha urbana e da circulação monetária em Tel Dor, Israel*. Projeto Auxílio à Pesquisa Regular. São Paulo: Fapesp, 2020.
- PORTO, V. C. Calígula, Agripa I e os judeus: entre conflitos, amizade e redes de sociabilidade. In: CARVALHO, M. M. de; LEONI, A. M; JOSÉ, N. F. (ed.). *Impérios, imperadores e redes de sociabilidade na Antiguidade*. Curitiba: CRV, 2023, p. 229-257.
- RAVEH, K.; KINGSLEY, S. Ancient harbour and anchorage at Dor, Israel: results of the underwater surveys, 1976-1991. *British Archaeological Reports International Series*, v. 626, 1996.
- SAPIR-HEN, L.; et al. Food, economy, and culture at Tel Dor, Israel: a diachronic study of faunal remains from 15 centuries of occupation. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, v. 371, p. 83-100, 2014.
- STERN, E. Excavations at Tel Dor, preliminary report. *Israel Exploration Journal*, v. 32, n. 2/3, 1981, p. 107-117.
- STERN, E. et al. *Excavations at Dor, final report. Areas A e C: the finds*. Jerusalem: Israel Exploration Society, 1982. v. 1B.
- STERN, E.; BERG, J.; SHARON, I. Tel Dor, 1988-1989: preliminary report source. *Israel Exploration Journal*, v. 41, n. 1/3, 1991, p. 46-61.
- STERN, E.; SHARON, I. Tel Dor, 1992: preliminary report. *Israel Exploration Journal*, v. 43, n. 2/3, 1993, p. 126-150.

- STERN, E. *Excavations at Dor, final report. Areas A e C: introduction and stratigraphy*. Jerusalem: Israel Exploration Society, 1995. v. 1A.
- TCHERIKOVER, V. *Hellenistic Civilization and the Jews*. New York: Atheneum, 1959.
- TÜRK DİL KURUMU BAŞKANLIĞI. Höyük. In: *TDK Sözlükleri*. Disponível em: <<https://sozluk.gov.tr/>>. Acesso em: 01 set. 2023.
- TEL DOR EXCAVATION PROJECT. Disponível em: <<http://dor.huji.ac.il/>>. Acesso em: 15 ago. a 05 set. 2023.
- WACHSMANN, S.; RAVEH, K. A concise nautical history of Dor/Tantura. *The International Journal of Nautical Archaeology and Underwater Exploration*, v. 13, n. 3, p. 223-241, 1984.